

Samuel Beckett em Portugal

Carlos Ceia

(NOVA FCSH/CETAPS)

A presença de Samuel Beckett em Portugal pode ser descrita quase como uma narrativa de pequenos dramas, o que não se estranha num escritor que deixou uma marca única na escrita minimalista de teatro. Após receber o Prémio Nobel de Literatura em 1969, Beckett buscou refúgio no Hotel Cidadela em Cascais, um local discreto longe da atenção da imprensa internacional e das exigências públicas advindas do prémio. Ali, encontrou privacidade para lidar com os dilemas resultantes da sua consagração, recusando aparições públicas e encontrando um pouco de sossego face à pressão pública para a promoção e reconhecimento da sua obra. Durante este período, a sua escrita e correspondência revelam um homem em busca de equilíbrio e de resposta às novas responsabilidades impostas por uma fama que recusou sempre. Em 1968, acometido por problemas de saúde, Beckett já tinha escolhido outro refúgio português: Porto Santo, na Madeira, depois de uma passagem frustrante pelo Funchal. Permaneceu vários meses na ilha, onde buscou descanso e tratamento para uma condição pulmonar debilitante que agravava a sua rotina. A quietude e o isolamento de Porto Santo tornaram-se cruciais para o seu bem-estar, oferecendo um cenário propício à introspecção. Várias cartas destas estadias em

Portugal revelam muitos comentários sobre o clima e os costumes portugueses, muitas vezes em oposição ao seu modo de vida marcado pela circunspecção e pelo silêncio que tão bem soube traduzir nos seus textos de dramaturgia.

Portugal conheceu o teatro de Samuel Beckett desde muito cedo. Francisco Ribeiro (ou Ribeirinho como ficou conhecido no cinema português) encenou (e interpretou a personagem Estragon) *Waiting for Godot*¹ em 1959, com o Teatro Nacional Popular, no Teatro da Trindade, em Lisboa. Em 1966, Carlos Avilez encenou a peça matriz de Beckett no Teatro Experimental de Cascais, consolidando este Teatro, que havia fundado três anos antes, como um espaço importante para a dramaturgia contemporânea em Portugal. Assim, quando Beckett chega pela primeira vez a Portugal não é um total desconhecido da sociedade letrada portuguesa. Mas todas as suas visitas serão marcadas por uma ausência de diálogo com essa sociedade, pois o que traz Beckett a Portugal nunca é uma motivação cultural ou social.

Nesse mesmo ano de 1966, em 24 de Dezembro, Beckett e a mulher, Suzanne Dechevaux-Dumesnil (francesa, com quem se casara em 1961), chegam a Lisboa pela primeira vez. Ficam no Hotel Avenida Palace, mas o destino, após o Natal, será Cascais. Primeira impressão registada: "Il fait soleil." (*Letters* 57)² Em Cascais, o casal fica hospedado na Estalagem Albatroz, que tinha sido inaugurada em 1963. Numa outra única carta, a Jocelyn Herbert, em Londres, Beckett resume numa frase a curta estadia de Inverno em Cascais: "We fled from Paris trouble and the fun games, drew Portugal out of a hat and arrived in Lisbon on Xmas Eve, then on here next day. It's pleasant and quiet, sun, sand & mountain. Back to Paris Jan 4." (*Letters* 58) Ainda teve tempo de visitar o Convento de Santa Cruz da Serra de Sintra, depois o Convento dos Capuchos, fundado

1. Publicado em Outubro de 1952, em Paris, em francês (*En attendant Godot*). A versão em inglês, traduzida pelo próprio Beckett, foi publicada em 1954. Encenado pela primeira vez em 5 de Janeiro de 1953, no Théâtre de Babylone, em Paris.

2. Carta a Avigdor Arikha, em Jerusalém, datada de 25/12/1966, em *The Letters of Samuel Beckett: 1966-1989*. (Editado por George Craig, Martha Dow Fehsenfeld, Dan Gunn e Lois More Overbeck. Cambridge: Cambridge University Press, 2016). Todas citações das cartas de Beckett remetem para esta edição, excepto nos casos indicados para outras fontes.

no século XVI, para religiosos franciscanos da Estrita Observância, tendo Beckett ficado impressionado com a história de Frei Honório, que viveu quase 100 anos, dedicando as últimas três décadas da sua vida a uma rigorosa penitência: “Saw the stone under which Honorious lived for 20 years”, (*Letters* 60)³ confessa a Barbara Bray, tradutora, crítica literária e amiga do casal Beckett, a quem escreverá a maior parte das cartas portuguesas. Beckett notou que, como forma de redenção espiritual, Frei Honório teria escolhido habitar uma pequena e austera gruta no interior do convento, renunciando a qualquer conforto material.

De notar que o relato das estadias de Beckett em Portugal está praticamente ausente de todas as biografias conhecidas,⁴ excepto a de James Knowlson, ainda assim com apenas um pequeno registo sobre a estadia de Inverno no Funchal e em Porto Santo. Portugal não tem um interesse particular na produção literária de Beckett, talvez por isso os seus biógrafos se tenham escusado de investigar a sua presença aqui. Portugal foi sempre uma escolha de turismo de Inverno arbitrária, mas a mulher de Beckett terá gostado tanto do local que irá insistir para repetirem a visita, o que lhes permitirá fugir a ambos do maior bulício de Paris e do maior rigor do Inverno francês. No início de Dezembro de 1968, o casal Beckett viaja para o Funchal. É preciso recuar trinta anos para podermos entender a procura de Beckett por países do sul da Europa durante largos períodos de Inverno. No final de 1937, ficou gravemente ferido ao ser agredido por um estranho, que lhe desferiu uma facada no peito, valendo-lhe depois a ajuda de James Joyce e de Nora Joyce. Este episódio trará problemas de saúde futuros, que o levarão, a conselho médico, a procurar países mediterrânicos, na esperança de poder respirar um ar mais saudável e um sol mais acolhedor. De acordo com Anthony Cronin,

3. Carta a Barbara Bray, de 28-12-1966.

4. Ver, por exemplo, Deidre Brair, *Samuel Beckett: A Biography* (Pan Macmillan, 1980); James Knowlson, *Damned to Fame: The Life of Samuel Beckett* (London: Bloomsbury, 1996); Anthony Cronin, *Samuel Beckett: The Last Modernist* (London: Harper Collins/Flamingo 1997); John Pilling, *A Samuel Beckett Chronology* (London: Palgrave, 2006); e Andrew Gibson, *Samuel Beckett* (Reaktion Books, 2009).

Then in the winter of 1967-8 he suffered from a series of illnesses, which he identified as a cold, bursitis and a mysterious fever of some kind. The main link between these complaints was a cough, which caused him pain, and a pain in his chest irrespective of the cough. Eventually these were diagnosed as consequent on an inflammation of the pleura in the area where the knife had penetrated more than thirty years before. (*Samuel Beckett* 541)

Não se estranha que a motivação principal para Beckett escolher Portugal, depois de falhada a estadia na Tunísia, seja sobretudo por razões de saúde:

The state of his own health generally and of his lungs in particular became one of the main reasons why he now began to seek out sunny, warm places where he might spend periods of rest and recuperation during the severest part of the French winter. There were lengthy visits to Cascais in 1966-7 and 1968-9. In 1966-7 he went to Porto Santo, Madeira, with Suzanne. Later they would go to North Africa and Malta. Whether these winter visits to sunnier climes or his half-hearted attempts to cut down on his smoking were responsible or not, the discomfort did subside; though, as the doctor had told him after the stabbing, his lung was still a barometer and the pain recurred in certain kinds of weather. (*Idem, Ibidem*)

A chegada à Madeira, pela primeira vez, é então em Dezembro de 1968 (não há registos de viagens aqui em 1966-67, como afirma Cronin). Uma carta a Josette Hayden e Henri Hayden, datada de 5 Dezembro de 1968, escrita na Quinta da Ribeira, no Funchal, é o primeiro registo conhecido da sua presença no Arquipélago.⁵ O destino final era Porto Santo e a pressa para lá chegar era evidente, pelo desconforto que lhe causou o Funchal, sobretudo por causa dos carros e da poluição: "Funchal really unpleasant. Overrun with cars and buses

5. Carta depositada no Trinity College, Dublin, collection MS 11488, repository information TCD MS 11488/235. Verificado na base de dados <https://chercherbeckettletters.emory.edu>. Os planos do casal incluíam, inicialmente, as Canárias, mas acabaram por escolher a Madeira e Porto Santo. V. Knowlson, *Damned to Fame* 496.

and stinking with cheap gasolene fumes." (*Letters* 136)⁶ No entanto, Suzanne apreciou bastante o Jardim Botânico e todo o artesanato madeirense, enquanto Beckett se interessou mais pelos vinhos.⁷

O que é interessante nesta carta é a revelação de que Beckett trouxe na bagagem o *Compêndio de Gramática Portuguesa*, de José Nunes de Figueiredo e António Gomes Ferreira, na edição de 1968, o que não se estranha pelo seu amor pelas línguas estrangeiras (era fluente em francês, uma das suas línguas literárias, italiano e tinha bons conhecimentos de alemão):

On tomorrow to Porto Santo with relief. Address: Hotel Porto Santo, Porto Santo, Madere. [sic] Here a lot of rain & snow on mountains. Nothing at P.S. but vast strand, hotel & village. Hope to be able to stay there nevertheless. If not next move no doubt to Cascaïs [sic] or Faro etc. or both. Have bought a Portug[u]ese [sic] grammar and it doesn't look too formidable. They have an [sic] surcompound pluperfect and a future subjunction! [sic] also charming construction equivalent of *je lavemerai* instead of *je me laverai*. Looked in vain for a future participle. But no idea of pronunciation. Shall ask the cook at P.S. to help me. (*Letters* 136)⁸

6. Carta a Barbara Bray, de 11/12/1968.

7. A biografia de James Knowlson, *Damned to Fame: A Life of Samuel Beckett*, relata mais pormenores da desagradável estadia na Madeira (notando que Knowlson acrescenta dados que resultam de uma conversa com Beckett sobre esta estadia, para além da informação que consta de toda a correspondência conhecida):

The address from which they wrote while they were in Funchal was the Quinta da Ribeira hotel. But Suzanne had made the arrangements for their visit in Paris and had expressed a wish for them to be in Madeira anonymously. So the travel agent arranged for them to stay in reality at a small residence called the Vila Marina, close to the Estrada Monumental. Some surprise was expressed at their request to have separate bedrooms prepared, but Suzanne offered her customary explanation that her husband wrote mainly at night and that, consequently, he needed the freedom of his own room. Beckett and Suzanne were interested in the flora of the island of which there are said to be 2000 different species. They soon found that walks were possible after all between the banana plantations, along the levadas or irrigation canals, built to carry the rainfall of the northern part of the island to the lower slopes of the south. They visited the Jardim Botânico, where Suzanne was thrilled by the profusion of orchids, camellias, bougainvillea and gardenia, but most of all by the anthuriums, shaped like red arum lilies, and the famous strelitzias or bird of paradise flowers. Beckett took his usual interest in the wines and liked the menu with its emphasis on fish dishes. The Madeiran speciality, espada or black scabbard fish, did not compare for delicacy with his favourite Dover sole, but it was still palatable. With her keen interest in dressmaking, Suzanne watched fascinated as the women worked concentratedly at their delicate lace tablecloths, napkins and blouses. (497)

8. Carta a Barbara Bray, de 11/12/1968.



Fig. 1 – Hotel Porto Santo (sítio do Campo de Baixo), em 1962.

Beckett interessou-se, de facto, pela língua portuguesa e tentou dominá-la minimamente. Algum tempo depois, já conseguia ler o jornal português que estava no Salão do Hotel Porto Santo onde se hospedara: “Any fool can read the stuff and even I the odd jornal I find in the salão”. (*Letters* 140)⁹ Um mês depois, já conseguia ler Agatha Christie na língua de Camões: “Have done no work of anykind but can now read Agatha Christie in the language of Camoens.” (*Letters*

9. Carta a Barbara Bray, de 31/12/1968.

lxxx)¹⁰ O seu entusiasmo com a língua portuguesa já lhe permite citar de cor Fernando Pessoa nas suas cartas, como nesta a Jacoba van Velde: “Bom courage, chère Tonny, nous n’én avons plus pour longtemps. Pourquoi esperar? Tudo é sonhar”. [do poema “Dizem?”, de Pessoa ortonónimo]. E numa carta a Avigdor Arikha, datada de 7/1/1969, escrita em Porto Santo, declara:

I’m not doing anything, except a little Portuguese. I have a priceless grammar book [*Compêndio de Gramática Portuguesa*, de José Nunes de Figueiredo e António Gomes Ferreira], by a good Catholic! Weird language. Personalised infinitive and fujture subjunctive. Blend of economy and excesso. Still no way for me to get the sound. Anyway what’s the point.” (*Letters* 143-144)

É interessante saber que, apesar das dificuldades com a língua, Beckett não largou o *Compêndio* e até confessou que tinha gostado muito do capítulo sobre literatura, “A língua como expressão literária”: “Wonderful last chapter of grammar on what is literature, with examples”. (*Letters* 144)¹¹ Não deixa de ser um apontamento relevante, porque em Portugal só teremos mais uma boa gramática – *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (1ª ed. 1984) – que não receia apostar na literatura para explicar os melhores usos da língua.

Sem necessidade de falar português, esta primeira estadia em Porto Santo, mostrou a Beckett uma ilha remota, de paisagem árida e vida simples, praticamente visitada apenas pelo seu tesouro natural: a praia de areia dourada de 9 km, ainda, nesta época, intocada pelo turismo massificado e sem infraestruturas de lazer, com apenas um único hotel, onde Beckett estava hospedado, juntamente com alguns turistas alemães:

10. Carta depositada no Trinity College Dublin, MS 11090/32, dirigida a Jacob van Velde, transcrita parcialmente em *Letters*.

11. Carta a Barbara Bray, de 7/1/1969.

Gale of wind and rain in the night & still this morning. Very wind-swept place. Alizé. Good walk yesterday across the island to north coast, desolate country, one donkey with 3 ragged children only encounter. To have that so close invites to stay. And no roads, few cars. So stay in spite of discomforts. Only news that from papers discarded by TAP crew twice a week. Monde abonnement has started functioning, but week out of date on arrival. Hotel almost empty, the few nearly all German. But the quiet kind. (*Letters* 139-40)

Beckett supôs que o Inverno em Porto Santo seria mais suportável do que em Paris, mas não teve muita sorte, porque choveu muito, o que o levou a concluir: "Seem to have come to the wrong ocean." (*Letters* 144) Não podia experimentar a água do mar de Porto Santo, por causa do seu pulmão danificado, o que era uma pena porque a água do mar de Porto Santo é conhecida pela sua alta pureza, resultado da localização da ilha e da acção contínua das correntes oceânicas que renovam e limpam o ambiente marinho. Os mares ao redor de Porto Santo são ricos em diversos minerais e oligoelementos, como magnésio, potássio e iodo. Esses elementos, naturalmente presentes na água salgada, podem oferecer benefícios à saúde, tanto para a pele quanto para o sistema respiratório, além de contribuírem para uma sensação de bem-estar geral que apesar de tudo era o que Beckett procurava e resumia todos os afazeres enquanto permaneceu na Ilha.¹² Mas o que verdadeiramente o

-
12. O resumo das ocupações e impressões dos Beckett na e sobre a ilha de Porto Santo pode encontrar-se nas cartas que escreveu e também neste excerto da sua biografia mais completa:

Porto Santo was much more to their taste. There were only two planes a week; their hotel looked onto a wide expanse of sandy beach which separated it from the village there were almost no other holiday-makers; and they could walk every day either along the seashore or into the picturesque interior. The only disadvantage was the hotel's prefabricated nature, so that everyone could hear everything through the walls. But, since, from the middle of January, they were the only remaining guests in a 140-bed hotel, this scarcely mattered. Atlantic storms of enormous ferocity strike the islands from time to time and, after a good deal of tempestuous weather, Beckett began to wonder whether they had chosen the wrong ocean in the wrong hemisphere. Late in their stay, Porto Santo was completely cut off by sea from Madeira and food supplies began to run uncomfortably low. Even bread was in short supply as a boat with flour on board was unable to disembark its much needed cargo on account of the size of the waves. But, in the middle of January, there was a brief spell of sunny weather, allowing them to sit on the beach. Beckett did not yet dare bathe for the sake of his lung. But they both adored the peace, silence and solitude of the little island.

The aridity of the interior, the primitive huts and the oxen or donkeys that pulled the old ploughs all fascinated Beckett. He was enchanted by the simple, little old windmills built on the hillsides and walls made of loose stones piled one on top of the other reminded him of Ireland. He had no

incomodou em Porto Santo, o que lhe faltou para poder querer ficar por ali até morrer, foi o facto de não poder confiar num bom dentista:¹³

This would be a place to come and die (buy a little bit of land, build a little bit of a house) when the worst comes to the worst, i.e. start immediately selling out on the mainland. The one thing that makes me hesitate is the bad Portug[u]ese dentistry, not a single school of stomatology in the length & breadth of the country. It is true the summer must be hell. The spring too, and autumn. (*Letters* 148)¹⁴

Beckett não descurou a cultura portuguesa nem ficou indiferente à sua literatura e às referências históricas sobre Portugal. Recorde-se que Beckett conhecia já Lisboa pela via literária, pois lera a obra de Henry Fielding, *The Journal of a Voyage to Lisbon*, escrito no Verão de 1754, pouco antes falecer em Outubro desse ano, e obra apenas publicada no ano seguinte, o do terramoto de 1 de Novembro de 1755, data coincidente com o Dia de Todos os Santos, tema que serviria de inspiração para outras referências literárias e filosóficas bem conhecidas de Beckett: o poema *Poème sur le désastre de Lisbonne* (1756) e *Candide* (1759), que Voltaire usaria como crítica às doutrinas optimistas e racionalistas de Leibniz e outros filósofos europeus. A história portuguesa não é lhe é totalmente estranha e a sua curiosidade literária fará o resto. Na mesma carta a Barbara Bray, já havia agradecido a oferta do primeiro volume das *Obras Completas* de Fernando Pessoa que a Ática publicara em 1950. O primeiro verso do poema “Hora Absurda” – “O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas...”

desire to work and in truth there was little to do other than read, rest and walk. Jérôme Lindon had taken out a subscription for them with Le Monde and copies used to arrive in batches bringing news of a remote, outside world. Typically for a linguist, Beckett entertained himself by teaching himself Portuguese, ‘an easy language but unpronounceable’, he concluded. He made enough headway in the language to read an Agatha Christie novel in Portuguese. But he also spent some time reading the poems of the Portuguese poet, Fernando Pessoa, finding from time to time (although not often enough to satisfy Beckett) some wonderful passages of poetry. (Knowlson, *Damned to Fame* 498)

13. Nota importante de José Campinho, no único texto conhecido sobre a presença de Beckett em Porto Santo: “até aos anos 80, os habitantes do porto santo consumiam a água salobra das nascentes da ilha e por isso os seus dentes adquiriam uma aparência acastanhada resultante da acentuada oxidação.” (“Beckett, Samuel”, 6/10/2020. <https://aprenderamadeira.net/article/beckett-samuel>)

14. Carta a Barbara Bray, de 28/1/1969.

parecia ter sido escrito para o mestre do teatro do absurdo, poderíamos dizer, mas o comentário de Beckett vai noutro sentido oposto ao do absurdo: “Glad I wasn’t there when it broke”. (*Ibidem*)

No final de 1969, Beckett e Suzanna regressam a Cascais e ao Hotel Cidadela. Apenas vão uma vez a Lisboa para comprar livros. Voltam a não ter muita sorte com o tempo, que era afinal a principal motivação para vir novamente a Portugal no Inverno, como se fosse obrigatório que o destino português não desiludisse quem o procura para se refugiar num Sol, ou mesmo num clima menos agressivo, que não se goza em outras paragens, sobretudo no Norte de França: “Here we’re still in poorish form and hardly ever go out of the hotel. Weather has taken a turn for the worse, though no doubt delicious compared to what it is the Brie.” (*Letters* 216)¹⁵ A privacidade que Cascais oferecia a Beckett parecia recompensar as agruras do clima português e assim podia manter-se a longa distância da atenção dos *media* mundiais que o procuravam ansiosamente por causa do Nobel. Pelo menos nas seis semanas que aqui passou, conseguiu esse momento de privacidade, apesar desse hotel ser já na altura um emblema de Cascais, devidamente inaugurado com muita pompa política por Américo Tomás, em 1966. (O hotel foi encerrado em 2019 e é hoje o Legacy Hotel Cascais, da cadeia Curio Collection by Hilton.)

A presença de Beckett em Portugal pode ter sido apenas circunstancial, motivada em primeiro lugar por razões de saúde, e por poder funcionar como um refúgio distante de Paris. Os seus momentos turísticos em Lisboa, Cascais e na região autónoma da Madeira ressaltaram a afinidade que desenvolveu com a cultura e, curiosamente, com a língua portuguesa. Beckett encontrou em Portugal um espaço de privacidade e respiração saudável, onde os contrastes do clima e as paisagens singulares serviram de contraponto às pressões da vida pública e do palco europeu, porque Portugal tinha sido mais do que um simples exílio terapêutico, representando um encontro enriquecedor com uma cultura que, discretamente, funcionou como um espaço de fuga e contemplação, onde Beckett encontrou, por breves momentos, a quietude e os silêncios que tanto prezava.

15. Carta a Barbara Bray, Cascais, de 30/12/1969.



Fig.2 – Hotel Cidadela, Cascais, inaugurado em 1966.

Obras Citadas

- Brair, Deidre. *Samuel Beckett: A Biography*. Pan Macmillan, 1980.
- Campinho, José. "Beckett, Samuel". *Aprender Madeira*. <https://aprenderamadeira.net/article/beckett-samuel>
- Collection MS 11488. Trinity College. Repository information TCD MS 11488/32-235. <https://chercherbeckettletters.emory.edu>.
- Craig, George; Dan Gunn; Martha Dow Fehsenfeld; e Lois More Overbeck (eds.) *The Letters of Samuel Beckett: 1966-1989*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- Cronin, Anthony. *Samuel Beckett: The Last Modernist*. London: Harper Collins/Flamingo 1997.
- Gibson, Andrew. *Samuel Beckett*. Reaktion Books, 2009.
- Knowlson, James. *Damned to Fame: The Life of Samuel Beckett*. London: Bloomsbury, 1996.
- Pilling, John. *A Samuel Beckett Chronology*. London: Palgrave, 2006.